



Odessa

Entre os phenomenos politicos que se têm succedido nos ultimos séculos, o que se torna mais notavel é o rapido progresso, quasi maravilhoso, que se tem operado na civilisação da Russia. E de feito, é surprehendente vêr que um homem a quem o genio apparecêra n'uma das noites nubladas e frias do norte, atormentado por esta visão, se arranca ás delicias dos reis, deixa a purpura e o throno, e, augusto peregrino, fóra, como Ulysses do velho Homero, bater a todas as civilisações para lhe pedir os seus mysterios, fazendo-se marinheiro na Hollanda e na Inglaterra, soldado da Allemanha e estudante em França, e depois, forte com os seus recursos e coragem, voltar á antiga capital dos Czares e começar essa terrivel lueta do poder contra os prejuizos, e sob o seu dedo poderoso collocar a sua nação no primeiro lugar entre as nações, e estender o seu vasto dominio desde as margens glaciaes, onde o lapão erra com os seus rangiferes e trenós, até as planicies que dominam o Caucaso; desde as regiões onde se não vê hoje senão ruinas fumegantes e vestigios de sangue, que as chuvas não poderam ainda lavar, n'essas regiões onde se elevavam as cidades dos valorosos e infortunados filhos da Polonia, até ás plagas onde o Kamschadale persegue e devora as phocas, amphibios de que ha tanta abundancia n'aquelles mares.

Ao engrandecimento subito d'este povo, seguio-se a necessidade da creação de cidades como por encanto. Sem fallar de Petersburg, a soberba rival de Kremlin, uma das mais bellas creações d'este genero é Odessa na Criméa. Esta cidade, que não ha muito tempo ainda era apenas uma povoação, é hoje assás florescente tendo uma população de quarenta mil almas. Toda a sua prosperidade é devida a felizes circumstancias juntas ao desenvolvimento que lhe promoveu o duque de Richelieu, que então era governador da Criméa. Como porto central do commercio exporta trigo, céra, madeira e pelles de Ukraine,

outr'ora polonezas, e importa vinhos e fructos do Mediterraneo, os couros e sedas do levante, bem como muitos outros artigos.

Esta cidade é edificada sobre um terreno inclinado, cuja base é o porto em que pôdem fundear trezentos navios.

Entre a cidade e o porto estão edificados os quartéis, que têm um aspecto imponente. As ruas são directas, arborisadas e bem calcadas. A igreja principal, o almirantado, a alfandega, a bolsa, o theatro, e o hospital civil são bellos edificios. É defendida por importantes fortificações, e sobre a esplanada que domina o porto vê-se o monumento que erigiram á memoria de Richelieu. Entre todos os estabelecimentos de instrucção que possui esta segunda Petersburg deve citar-se o lyceu de Richelieu fundado em 1818, considerado como um dos melhores da Europa; uma ascóla militar, instituida pelo imperador Alexandre; muitas escolas elementares nas quaes se instruem mais de mil e duzentos alumnos de diversas nações, e um museo onde estão reunidos todos os objectos de antiguidade da Russia meridional. Tem igualmente muitos estabelecimentos de manufactura de seda, linho, sabão, etc.

Com referencia á gravura supponho ter dito o sufficiente, a respeito d'esta importante cidade; mais poderíamos dizer ainda, nao nol o permite, porém, o limitado espaço de que dispomos.

UMA VELHA DE VINTE ANNOS

(Continuado de pag. 39)

VIII

Ja quasi a findar o prazo dos dez annos. Maria havia dito ao manco «espere» e elle esperou, animoso e resignado, atravez d'aquelle lentissimo volver de oitenta mil horas contadas, uma a uma, pelas mais extremosas dedicções e affaveis

sollicitudes que o amor desvellado sabe inventar. A candida menina tinha sempre um sorriso affectuoso e benevolo para compensar os extremos de Manuel; e n'aquelle deleitoso embalar de uma affeição reciproca, sem impaciencias do desejo, nem delirios de sonhadas felicidades, haviam ambos visto deslizar lenta, grave e monotonamente os annos.

O mancebo adorava Maria como o estatuario póde amar a estatua que é obra sua, como a mãe desventurada póde amar o filhinho que dorme a seu lado o somno do ataúde. O desditoso amante porém não podia aquecer, com o fogo que lhe escaldava o intimo do peito, aquelle coração, tão sensível para as affeições suaves mas ao mesmo tempo tão inerte e regelado para o ardente affecto que o mancebo ambicionára colher em recompensa do seu amor.

Aquelle frio glacial da formosa donzella acabára emfim por se contagiar ao espirito de Manoel, e ao cabo de alguns annos podéra dizer-se que aquelles dois seres viventes, no vigor da mocidade, no pleno sol da vida, eram dois phantasmas erguidos das proprias campas, para permutarem um reciproco amor, tão frio e tão palido como a luz funeraria que lhes allumiára as sepulturas.

E o mundo sem ver atravez da mascara que os dois haviam afivelado nem um symptoma sequer da congelação que se crystallisava lá no intimo. Maria continuava a ser requestada pelos moços mais notaveis do circulo em que habitualmente vivia, e a todos a affavel senhora repellia com tanta doçura e firmeza, que, sem lhes ferir as vaidades, lhes murchava em embryão as esperanças, não ostentando desdem no que parecia espontea isenção.

Manuel de... continuava a passar por o mancebo sem alma, frio como a pedra tumular, activo e inconstante como a onda, que rola na amplidão das aguas; e nem elle se embaraçava com os juizos do mundo, nem o mundo se intromettia mais no intimo do seu viver.

A vellice é o preludio da morte, como o amarellecer das folhas no despontar do outono é o annuncio de que a arvore em breve tombará sem vida nes regelos do inverno.

Maria envelhecera d'alma realmente; e aquella asthenia do espirito communicara-se-lhe ao corpo debil e gentil, prostrando-a em assustador enfranquecimento. Manuel, cujo encanecer precoce dizia na sua muda eloquencia quantos gemidos abafára no intimo do coração e quantos dolorosos pensamentos concentrára no laborar do cerebro, via, com toda a perspicacia da sua affeição, aquelle lento e progressivo definhamento da sua desposada.

Dissemos «desposada» porque Maria, desde o momento em que, n'um accesso de febre d'alma, acceitára as declarações apaixonadas do mancebo, á sombra da arvore frondosa do Bussaco, sempre assim fôra considerada por Manuel, a quem já-mais abandonou a esperança de ver a sua noiva convalescida da horrivel enfermidade que lhe marasmava a alma, cair-lhe nos braços, convulsa de affecto, ardente de enthusiasmo, delirante de paixão, a pedir-lhe esse orvalho celeste e refrigerante do amor que remoça e revigora a flor do coração, emmurchecida pala aridez da descrença.

Sorria a primavera com todos os seus esplendores; o flebil cantico das aves, o candido inflorescer da amendoeira, o manto de verdura a desdobrar-se avelludado por sobre as campinas, o sorrir do ambiente puro e azulado em toda a immensidade do espaço, tudo parecia convidar á vida, ao prazer e ao amor, aquelles a quem a seiva exuberante da existencia alentava, e a quem o sol da primavera fazia germinar as flores da juventude. Para Maria simulavam as alegrias da natureza como um adornar de galas, para a solemnidade mortuaria de creancinha innocente. Havia lagrimas de orvalho nas suas flores, tristeza indizível nas harmonias das avesinhas que volteavam em torno da sua vivenda, aureola do esplendor sobrenatural de além da campa no raio de sol que se reflectia sobre a sua fronte pallida e melancolica, e as flores de que se toucava como que assumiam essa côr desbotada e luctuosa das flores do tumulo.

Maria presentiu o seu proximo aniquilamento e sorriu satisfeita como o viajero que chega ao termo da jornada, embora alanceando-lhe o coração saudades dos que deixa longe. Ao mundo prendia-a um laço apenas: era a affeição de Manuel; os seus pobres, as suas flores, e as suas aves, quasi que lhe esqueciam n'aquelles solemnes momentos.

Uma tarde, sentia se Maria animada de novo espirito, de insolito vigor; ruborisava-lhe as faces um carmin tão vivo que pareciam as rosas da saude e da juventude, alentava-lhe a alma um calor, que dissereis ser o da primavera da vida. Em suas mãos prendia o volume dos maviosos canticos do malogrado poeta Soares de Passos, e machinalmente repetia, com flebil e doce modulação aquelle delicioso suspiro d'alma se chama *A ultima despedida* e que diz assim:

«Ai! adeus! acabaram-se os dias
Que ditoso vivi a teu lado!
Sôa a hora, o momento fadado
É forçoso deixar-te e partir...
.....

E as estrophes iam-se repetindo cadenciadas, harmoniosas, solemnemente tristes, com a mesma doce melopeia até á derradeira, ultimo lampejo de uma esperança quasi extincta:

«Mas se as flores do campo voltarem,
Sem que eu volte com as flores da vida,
Lembra aquelle, que em tumba esquecida,
Dorme ao longe seu longo dormir:
E cada anno que o sopro do outomno
Desfolhar a verdura do olmeiro,
Lembra-te ainda do adeus derradeiro,
D'este adeus que te disse ao partir.»

O livro caiu-lhe das mãos, e duas lagrimas crystallinas lhe deslizaram pelas faces como a querer refrigerar o ardor que as afogueava.

Junto d'ella haviam outros olhos marejados de pranto mal reprimido.

Escusado é dizer que eram os de Manuel de... o enfermeiro desvellado, o companheiro assiduo, o irmão carinhoso, que só havia esquecido que era amante desdito d'aquella mulher, que acorrentára toda a sua mocidade á lousa tumular

onde albergava os affectos do coração, para se lembrar, na sua santa abnegação que era o unico esteio d'aquella flor, que pendia mal aberta e já emmurchecida na hastea.

Maria despertou do seu extasi quasi celeste, contemplou o seu companheiro, sorriu mais santamente ainda, e disse-lhe com a gravidade angelica de uma alma candida prestes a evaporar-se.

— Abençoe a Deus nã sua providencia, meu amigo, de ir quebrar a longa escravidão, que o meu cego egoismo lhe impoz e que resignado acccitou. Agora que, na ultima pulsação da vida, sinto o sangue todo concentrar-se-me no coração, agora compreendo bem quanto o amei, e quanto era mentido e artificioso o gelo que encobria o vulcão. É tarde já. Sinto em torno de mim o crepusculo da eterna noite. Deixo o mundo abençoando-o, meu amigo; fui feliz pelo seu affecto: amei-o, sem quebrar o encanto d'esta doce affeição de encontro ás decepções da realidade. Se além da campa ha uma felicidade sem limite, não póde ella ser mais do que o reflexo d'esta que deixo aqui. Pesa-me só o remordimento de o haver feito infeliz... Mas não! a taça da infelicidade estaria talvez na satisfação d'este amor; não a chegou aos labios. Aspirou o perfume suave d'uma planta, que poderia dar-lhe um fructo mortal. Guarde d'este affecto uma recordação doce e terna, como de um sonho delicioso que passa e que se esvae, sem deixar no espirito o vestigio de um espinho. Faça d'esta recordação um culto, e vá cada anno visitar aquella frondosa arvore do Bussaco que viu nascer o nosso amor e que nos ha de talvez sobreviver, se o raio de Deus a não derrubar.

Um abraço longo, estreito, solemne e misturado de lagrimas foi a unica resposta do mancebo. A voz, conscia da sua insufficiencia em momentos taes, prende-se na garganta entre soluços, que não perturbam a gravidade melancolica do silencio. O tumulto tem uma augusta mudez! N'um beijo casto, doce, delirante sorveu Manoel o derradeiro alento que se exhalava d'entre os labios lividos da formosa donzella.

As harmonias da natureza pareciam, n'esse instante, um chamamento feito por Deus aos seus espiritos espalhados sobre a terra. Uma alva pomba ergueu aos ares o seu vôo suave; entre as trevas incipientes da noite serena viu-se deslizar rapida uma estrella; e um ignoto perfume se exalou do calice aberto de uma flor pendida.

A arvore magestosa do Bussaco conserva ainda a sua inscripção meia apagada, como epitaphio de um amor casto e puro, nascido á sua sombra. E cada anno, entre os deleites convidativos da quadra dos banhos, na altiva floresta apparece um homem, grave, frio, indifferente, que o mundo julga attraído alli pelo bulicio dos divertimentos, que entra na sociedade tão sereno como outr'ora, a quem muitos invejam a felicidade, do qual ninguem sabe apontar uma affeição, — e que se ausenta sempre ao cabo de tres dias de demora.

Sobre uma lousa singella de um pobre cemiterio rustico, onde Maria dorme o somno eterno, existe sempre uma corôa de immarcessiveis perpetuas, em cujo centro se lê copiada a inscripção tal como se conserva no cortex da arvore:

14 DE . . . BRO DE 18 . . .
DAS 2 AS 4 DA . . .

Um caixilho de ferro chumbado na pedra tumular, a mostra atravez de um forte vidro, como um enigma ao visitante, e a protege das profanações de mãos estranhas.

Leitores scepticos, não riam das fundas crenças que formam a corôa de martyr de Manoel de... nem da velhice de coração da donzella que elle amou. Leitoras, corroidas pelo veneno do calculo, não escarneçam do desinteresse de Maria nem da abnegação do seu amante. O materialismo, se tem os seus gosos em si mesmo, traz consigo a saciedade e logo após o tedio. No amor do coração se ha dores e espinhos... ha tambem a felicidade immensa, porque é feliz sempre o homem que póde abençoar os seus soffrimentos!

C. B.

A ORAÇÃO, OS POBRES, E AS FESTAS

Um santo houve em Portugal, grande na oração, e ainda maior no amor do proximo. Quero fallar de S. Gonçalo de Amarante.

Tenho diante de mim dois dos nossos melhores escriptores, e estou-me deliciando em escutar os louvores que ambos tecem ao santo portuguez, a proposito do grandioso beneficio que proporcionou aos povos, «unindo as duas ribeiras do Tamega com uma ponte, e mettendo debaixo dos pés dos passageiros a braveza e furia do rio, que a tantos tinha tragado.»

Como é que um homem tão contemplativo, tão dado á oração, que se retirava ao deserto para só contemplar o summo bem, para meditar sobre os tempos antigos, e occupar a mente com os annos eternos (*cogitavi dies antiquos, et annos æternos in mente habui*); como é que um homem tão apaixonadamente amigo da solidão, tão arredado da convivencia humana, se deixa repassar a tal ponto do amor da humanidade? A explicação desta difficuldade encontro eu no incomparavel Vieira, quando nos diz: = Quanto maior é nos santos o amor de Deus, tanto mais forte é, e mais sollicito o amor do proximo. Orava continuamente; mas porque de ordinario *para remediar os trabalhos humanos não bastam as mãos ociosas, posto que levantadas a Deus*: resolveu-se o espirito de um pobre e solitario Ermitão ao que nunca se atreveram a intentar os braços poderosos dos Reis, que foi unir as duas ribeiras do Tamega com uma ponte, etc. =

Sim, a oração é uma necessidade irresistivel das creaturas ternas, um desafogo das almas repassadas do sentimento religioso: mas não esqueça jámais, que, se quizermos ser uteis á humanidade, ser prestaveis aos pobres, e remediar os trabalhos humanos, não poderemos conseguir esse grande empenho *com as mãos ociosas, posto que levantadas ao céo*. Imaginae que uma dona de casa, uma mãe de familia gasta todo o tempo na oração, ou já no interior da sua morada, ou já no templo: qual conta poderá ella dar do cumpri-

mento de seus deveres como mãe, como esposa, como administradora da sua casa?

O santo, de quem vimos fallando, deu-nos um exemplo de amor da trabalho, tanto mais convincente, quanto a opposição a que se arrojou encontrava da parte daquelles proprios, a quem o mesmo santo pretendia beneficiar. E aqui é muito de ouvir o que nos diz o elegante Frey Luiz de Sousa, quando nos pinta essa opposição: «Ajuda Deus (*diziam os praguentos*) os animos grandes, e os animosos; mas não temeridades, nem temerarios. Hum rio de muitas agoas, e arrebatada corrente, a despeza sem conto, os edificadores, que hão de ser os visinhos, pobres, e sem forças de dinheiro, nem fazenda, e mais pobre que todos, quem se atreve a fallar em tal obra. Em que hade parar, senão em fabricarem alicerces abertos, e principios fundados, e nelles levantado hum como padrão, e memoria perpetua de nossa ignorancia, que sem fazer conta com a bolsa, quizemos commeter impossibilidades.»

Gonçalo deixou fallar os opposicionistas; não se acovardou com os desanimadores agouros da estupidez e da malevolencia; pôz mãos á obra, empregou esforços sobrehumanos, e logrou levar ao cabo a sua empreza. Lição proveitosa do que pôde uma vontade forte, apoiada na perseverança! Pias creanças que eu respeito, recorrem a intervenções milagrosas; mas a rasão, que Deus nos deu, não encontra difficuldade em attribuir effeitos pasmosos á energia da vontade, á firmeza e resolução do character dos comprehendedores ousados e contentes.

Inspira o santo grande devoção; e a este respeito refere o Padre Antonio Vieira um caso muito notavel.

Um devoto concorria todos os annos para a festa de S. Gonçalo com vinte e cinco cruzados. «Um anno, porém, em que os officiaes eleitos eram ricos, sendo tambem rica a Confraria, entrou elle em pensamento, *que seria maior serviço de Deus despendere aquelle dinheiro com os pobres.*» Neste pensamento estava, quando de repente lhe sobrevem uma dôr insupportavel. São a toda a pressa chamados os medicos, e estes mandam que sem demora seja sacramentado o doente, porque infallivelmente morria. Por felicidade o devoto lembra-se da resolução que havia tomado, arrepende-se, protesta não mais deixar de contribuir para a festa do Santo... e num átomo «passa o moribundo das portas da morte á inteira saude!»

O Padre Antonio Vieira, que piamente acredita no milagre, vê-se confuso, e rasão tinha para ficar muito enleiado, e para romper nestas vozes: «Mas quem haverá que se não admire do novo estilo praticado neste caso contra a lei geral da esmola, e contra a preferencia e privilegio dos pobres tantas vezes publicado e prégado por boca do mesmo Deus? Quando concorrem Christo e os pobres para a esmola: *Day-a*, diz Christo, *aos pobres, porque dando-a a elles, m'a days a mim?*»

E com effeito, admittindo-se o milagre referido,

era realmente para fazer scismar que, preferindo Christo a si proprio os pobres, desse naquelle caso a preferencia a S. Gonçalo sobre os pobres.

O Padre Antonio Vieira entrega o panegirico de S. Gonçalo a Christo, e termina com estas notaveis palavras: «... *que eu emudecido confesso, que o não sei louvar.*»

Não devias emudecer, talentoso Vieira! Devias fazer uso da tua poderosa rasão, e do vasto conhecimento que tinhas da Escriptura, para affirmar sem hesitação que não é permittido preferir as festas ao alívio e consolação dos pobres. Os preceitos do Evangelho são claros, são positivos, são expressos; ao passo que o caso citado não passa de ser uma anecdota, que não sustenta o exame da rasão, aliás fortificada pelo inconcusso testemunho do Livro por excellencia.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO

ABSTINENCIA EXTRAORDINARIA

Ha numerosos exemplos da privação absoluta de alimento, durante um longo lapso de tempo. O capitão Bligh, que commandava o navio inglez *the Bounty*, fez perto de quatrocentas milhas sobre um barco raso, com desasete homens de equipagem, não tendo para ella outro alimento, no espaço de dezasete dias, mais que uma pequena ave, que apenas pêsava algumas onças. Quatorze homens e mulheres do navio inglez *la Junon*, naufragando nas costas d'Arrancan, viverem vinte e tres dias sem tomarem alimento algum, succumbindo apenas dois ao quinto dia.

Na opinião de Rhedy, os animaes supportam mais tempo que os homens a falta de alimento, e isto talvez devido a não juntarem á privação de um dia, a inquietação do dia seguinte. Resistiram á falta absoluta de alimentação um gato selvagem vinte dias, uma corça vinte dias tambem, uma aguia vinte e oito dias, um teixugo um mez, e muitos cães trinta e seis dias.

Nas memorias da Academia das Sciencias lê-se a historia de uma cadella que tendo ficado fechada por descuido n'uma casa de campo, viveu quarenta dias tendo nicamente por alimento o pano de um colchão que ella rasgou em bocados.

Lê-se em alguns auctores que um crocodilo pôde supportar a fome por espaço de dois mezes, um camaleão oito, e uma vibora dez annos; mas esta ultima asserção não é crível.

Vaillant tinha um scorpião que viveu perto de um anno sem comer, e tanto elle não enfraqueceu com esta longa abstinencia que pôde matar um outro scorpião, enorme e muito vigoroso, mas menos affamado, que puzeram junto d'elle; João Kunter entalou um sapo entre dois vasos de flores e quatorze mezes depois ainda tinha vida. Algumas tartarugas resistiram desoito mezes a uma abstinencia completa. Um escarave lho depois de estar tres annos privado de todo o alimento teve ainda força para se escapar. Cita-se ainda o exemplo de duas serpentes que viveram cinco annos dentro d'uma garrafa, sem comer coisa alguma.

É preciso dar aos filhos, para sua felicidade, a mais alevada idéa da virtude das mulheres.



Madame de Grignan

Madame de Sevigné tinha apenas vinte e cinco annos quando viuou, em consequencia de seu marido ter perecido em duello. O marquez de Sevigné deixou um filho e uma filha, a qual se chamou depois Madame de Grignan.

Joven, bella e espirituosa, Madame de Sevigné poderia ter passado a segundas nupcias, mas o seu primeiro hymeneu não lhe deixára gratas recordações. O marquez de Sevigné, nunca soubera apreciar as suas bellas qualidades; e por isso só tratou de viver para seus filhos, sobretudo para sua filha, que era o objecto da sua idolatria.

Madame de Sevigné educou sua filha nos principios em que tinha sido educada, isto é, inculcando-lhe os sentimentos religiosos unidos ao desejo do saber, a dedicação profunda aos seus deveres

e no respeito devido aos privilegios da sua classe; mas o que não podia dar-lhe, era o amavel abandono, a graça e vivacidade de espirito juntos a uma elevada razão, que distinguiam a marquezia. Effectivamente, Madame de Grignan desolava, com a sua frieza, as caricias maternas, e esta falta de sensibilidade devia, gravada na sua correspondencia, contrastar de um modo singular com a effusão de sua mãe, correspondencia de que se salvaram peças insignificantes, e a que não faltaram criticas injustas.

O pouco que nos resta de Madame de Grignan permite-nos ao menos julgar com exactidão o seu character e a direcção das suas idéas: os raciocinios subtis, a profundeza da metaphysica tinham mais attractivos para o seu espirito serio,

do que o labor da imaginação; prova-o o resumo do systema de Fénelon sobre o amor de Deus, resumo que juntaram á edição de algumas cartas de sua mãe.

Sabe-se que Madame Grignan depois de ter brilhado na cõrte, depois de ter sido cantada por Benserade, havia casado com Mr. de Grignan, e que se separou de sua mãe para seguir seu marido, que, na qualidade de tenente-general, na ausencia de Mr. de Vendôme, commandava a força que estava em Provença.

A partir d'esta época Madame de Sevigné raras vezes se visitou com sua filha.

A dôr que causou a Madame de Grignan a morte de seu filho, brigadeiro e embaixador de França, na cõrte de Lorraine, levou-a ao tumulo na idade de cincoenta e sete annos. Deixou duas filhas das quaes uma foi mais tarde a celebre Marquezeta de Simiane.

A nossa gravura representando Madame de Grignan, dá ao mesmo tempo idea d'uma das toilettes de cõrte que tão variadas foram no reinado de Luiz XIV.

AGUIAS CAÇADORAS

Ha entre os tartaros kirguis uma tribu que se serve de aguias ensinadas por elles para caçar as lebres, raposas e cabras que se encontram frequentemente nas regiões selvagens. O kirguis, montando a cavallo colloca na dianteira da sella a sua ave de rapina, cobrindo-lhe a cabeça com uma especie de capuz. Logo que o caçador apercebe o animal que se propõe caçar, descobre-lhe a cabeça e ella lança-se immediatamente sobre a presa, apertando-a entre as suas vigorosas garras, não a largando senão quando o seu dono vem levantá-la. Esta especie de aguias denominada *barkout* pelos kirguis, é de tal modo estimada por estes povos, que de bom grado sacrificam os seus cavallos ou prisioneiros para possuir um d'estes passaros caçadores.

CURA DA SURDEZ POR MEIO DA ELETRICIDADE

Um official polonez, ainda muito moço, na batalha d'Ostrolenka, carregando sobre uma bateria que disparava tiros de bala, caio por terra sem ter recebido contusão alguma, e tendo ficado sem sentidos por espaço de meia hora, tinha perdido, tornando a si, o ouvido, a falla, e o paladar. Depois de ter sido tratado, sem resultado, em Vienna, e em Trieste, foi a Paris aonde Mr. Magendie recorreu, para combater a surdez, á acção das correntes electricas que se desenvolvem n'um apparelho de physica, chamado *pilha de Volta*, applicando um dos fios da pilha sobre a corda do tympano. Logo depois do primeiro choque experimentou resultados favoráveis, sentindo fortes zumbidos nos ouvidos. Ao terceiro choque começou a restabelecer-se o paladar, facto curioso para o anatomista e para o physiologista, pela luz que dá sobre a origem da corda do tympano. Depois de ter recebido sete ou oito choques, já o doente ouvia o ruido dos tambores, depois os sinos, depois as campainhas e finalmente as palavras. Para completar a cura só faltava restabelecer o movimento á lin-

gua o que esperava obter-se pelos meios já empregados applicando-se sómente sobre os nervos laryngicos a extremidade dos fios conductores dos apparelhos electricos.

COSTUMEIRAS DA GENTE DO PORTO

A nossa classe pensadora tem feito grandes progressos intellectuaes n'estes ultimos annos. Hoje não seria facil encontrar uma pessoa illustrada, que seriamente escrevesse um opusculo em defeza dos Sebastianistas. E quantos se escreveram no principio do seculo actual! O sr. Alexandre Herculano não teria hoje tantos adversarios a combater relativamente á batalha d'Ourique, como já teve! Mas as classes inferiores, essas quasi que permanecem no mesmo estado. Credulas têm sido, e credulas hão de continuar a ser por muito tempo, porque lhes faltam com a devida instrucção. Sempre amigas do maravilhoso, sempre propensas a admirarem as cousas mais insignificantes, com tanto que lhes sejam apresentadas debaixo de certa fórma. Sempre inclinadas a gastarem seu dinheiro improductivamente. E entre ellas que os curandeiros, as benzedeiros, as deitadoras de cartas, e muitas outras reinam despoticamente. Muito havia que dizer, mas tocarei só de leve no presente artigo n'algumas costumeiras, que se usam ainda na cidade do Porto, cidade, aliás, onde ha muita gente illustrada.

No dia 31 de dezembro e 1 de janeiro, n'esta cidade, é tal a bulha e algazarra á noite, que parece impossivel, que a policia não tenha posto limites a tal incommodo. São os causadores os rapazes, que em grupos de 5 ou 6, tangendo ferrinhos, tambores e bumbos, percorrem as diferentes ruas da cidade, entoando com uma gritaria infernal loas ao Menino Jesus. Estas loas são quasi todas desacompanhadas do mais pequeno merito, e não se podem por isso pôr a par das engraçadas cantigas e loas d'outras terras. Param por largo tempo á porta de qualquer (tambem esta serenata tem amantes), cantando e tocando; e, recebida a esmola competente, passam para fazerem o mesmo na porta seguinte, e assim vão andando quasi toda a noite. Não para aqui a inferneira. Diferentes grupos de 3 ou 4 musicos percorrem as portas das pessoas abastadas, tocando as boas festas, e tambem sómente se retiram depois de recebida a competente esportula; ou, quando logo no principio lhes mandam recado, que não toquem prevenindo-os de que lhes não dão nada. Mas, em geral as pessoas abastadas, revestem-se de paciencia, deixam tocar, e pagam sua contribuição para não ficarem mal vistas.

Na vespera e dia de reis repetem-se as mesmas scenas.

Por este tempo representam-se nas freguezias das circumvisinhas do Porto, como Moreira, Leça de Balio, e outras, os embrechados, isto é, os autos do Nascimento, de que farei especial menção n'outra parte.

Tambem por estes dias vem grande affluencia de camponeses á cidade comprar o classico pão de ló, regueifas e os doces de Paranhos (bolos muito ordinarios, feitos de farinha de trigo e asucar) nas barracas (formadas toscamente de taboas de pinho, sem nenhuma pintura), que em

grande numero, por estes dias, se estabelecem ou na Praça Nova ou junto do Convento das Freiras de S. Bento, barracas, que por causa da sua tosca construcção, apre-entam uma vista bem desagradavel.

D'aqui por diante costuma o povo agglomerar-se todos os domingos de tarde na rua de Santo Antonio, Praça Nova e Calçada dos Clerigos, para ver passar os mascarados, sensaborões, em geral, nos primeiros dias.

Durante a quaresma nada se offerece de notavel, mas chegada a vespera de Domingo de Ramos anda a rapaziada toda alvoraçada para obter ramos de alecrim, buxo, ervas, ramos de carvalho, das quaes fazem um molho, que espetam no alto d'uma grande vara. No dia seguinte, pela manhã cedo, percorre a rapaziada (e tambem homens e mulheres) as differentes ruas da cidade com as taes varas, e dirigem-se para a Sé, á espera da procissão de Ramos. Enquanto não apparecem os padres, fazem immensa algazarra dentro da igreja, gritando todos ao mesmo tempo:

Já deu meio dia,
Vae para a uma hora,
Larguemos os ramos,
Vamo-nos embora.

Acabada a procissão vae a chusma de corrida para a igreja dos Clerigos, e terminada tambem aqui, dirige-se para a Misericordia. D'esta igreja dispersa a rapaziada; muito satisfeita com o seu ramo.

Não é raro haver cachação mesmo dentro das igrejas entre os rapazes por causa da rivalidade de qual ha de apresentar um ramo mais alto.

Durante a quaresma são tambem mui populares as procissões de Passos nas immedições do Porto, e concorridas principalmente por causa do *Fagote*. Vem a ser um homem vestido de calças verdes com listas encarnadas, pendendo-lhe dos hombros uma especie de penteador de pano branco, com galões dourados nas extremidades, sapatos brancos, na cabeça um capacete com plumas, e na cara um pano verde, com fendas na altura dos olhos. É este o que n'estas procissões vae tocando a bozina, cercado de grande chusma de rapaziada, que de vez em quando lhe grita: *Vomita o polvo, vomita o polvo*, e não é raro acompanhar estas palavras com a sua pedrada. Como as confrarias e irmandades quasi sempre dão ao fagote polvo ao jantar, por isso o tropel lhe dirige estas palavras. Para evitar desordens vão sempre soldados junto do tal tocador de bozina.

No sabado d'Alleluia merece vêr-se a grande multidão de velhas, e rapaziada, que se dirige á Sé com garrafas, bilhas, panellas, e vasos de todas as fórmulas para se encherem de agua benta. No mesmo dia de tarde vão os Abbades acompanhados do *Campainha* (andador) e mais dois homens de ópa (capa) dar as boas festas aos seus freguezes. Percorrem as differentes casas da freguezia, espargindo agua benta, e recebendo o *folar* (esmola de dinheiro de prata, que os donos das casas estão no costume de dar) n'este dia.

Na cidade do Porto julgar-se-ha bem infeliz a pessoa, que em domingo de Ramos não tivesse grelos e castanhas piladas ao jantar.

É na semana de Lazaro a feira com a invocação d'este santo, em volta do Jardim de S. Lazaro. Uma das cousas mais estimadas então, e em todas as feiras, são as *espetadas*: bocadinho de carne de porco, espetado n'um páosinho, assada n'uma fogueira, e vendida por 10 réis. Uma espetada, dois doces de Paranhos, e um quartilho do *verde* (vinho) fazem a felicidade de muita gente por aquellas occasiões.

No 2.º domingo de Paschoa comecam as romarias. A primeira, n'esse dia, é na Torre da Marca, ao Senhor Jesus da Boa Nova. Mas as romarias, que apresentam um aspecto tão pittoresco, merecem uma descripção mais minuciosa.

(Continua)

M. BERNARDES BRANCO

VICTORIA DE LUCULLUS

O consul estava em presença do inimigo, mas não ousava dar batalha vendo metade dos seus soldados sem munições e sem armas e como que desanimados. De repente sobreveem um vento fresco, que levantando na praia visinha uma enorme quantidade de flores, vieram cair sobre os capacetes dos romanos, onde se fixaram de tal modo que todos os guerreiros pareciam laureados. Este inesperado e singular acontecimento foi interpretado por Lucullus como um prodigio do mais feliz augurio. E de facto, deu tanta coragem aos romanos, que lançando-se com impetuosidade sobre o inimigo ganharam a victoria.

UMA OBRA DO SEculo IX

(Continuado de pag. 40)

81. Desde que os Sarracenos entraram em Spania (1) até o presente era-IXIII passaram CCLXII. Desde o reprovado propheta Mahomat até a presente era MXIII passaram CCCLXIII annos.

ORIGEM DOS SARRACENOS SEGUNDO ELLES REFEREM

82. Os perversos Sarracenos crêem proceder de Sarra, mas a verdade é que se chamam Agarenos por Agar, e Ismaelitas por Ismael.

Alraham em Agar, gerou a Ismael. — Ismael gerou a Kaldar. — Kaldar gerou a Nepti. — Nepti gerou a Alhumesca. — Alhumesca gerou a Eldano. — Eldano gerou a Muncher. — Muncher gerou a Excip. — Excip gerou a Jaman. — Jaman gerou a Autith. — Autith gerou a Atinan. — Atinan gerou a Mahat. — Mahat gerou a Nizar. — Nizar gerou a Muldar. — Muldar gerou a Hindaf. — Hindaf gerou a Mutirik. — Mutirik gerou a Humeia. — Humeia gerou a Rinana. — Rinana gerou a Melik. — Melik gerou a Fehir. — Fehir gerou a Galib. — Galib gerou a Juhei. — Juhei gerou a Murra. — Murra gerou a Kelib. — Kelib gerou a Cuztei. — Cuztei gerou a Abdilmelef. — Abdilmelef gerou dois filhos: Escim e Abdiscemiz: Abdiscemiz e Escim foram irmãos. Escim gerou a Abdelmutalib. — Abdelmutalib gerou a Abdella. — Abdella gerou a Mahomat, que foi olhado pelos seus como propheta.

Abdicemiz, irmão de Escim, gerou a Humeia.

— Humeia gerou a Abilaz. — Abilaz gerou a Accam. — Accam gerou a Maroam. — Maroam gerou a Abdelmelic. — Abdelmelic gerou a Iscem. — Iscem gerou a Mavia. — Mavia gerou a Abderrahaman. — Abderrahaman gerou a Mahomat. — Mahomat gerou a Almundar.

83. Este Mahomat reinou na referida era de DCCCCI, e guerreou com o rei Ovetense, chamado Adefonso. Permitta a divina clemencia que os Ismaelitas sejam expulsos das nossas provincias até mais além dos mares; que o seu nome seja esquecido, e que o seu reino seja perpetuamente concedido aos fieis de Christo! — Amen.

(Continúa)

OS SOLDADOS TOUQUINEZES

Em Touquim, uma mulher condemnada á morte, soffreu o seu supplicio com tanta coragem, que os soldados que o presenciaram comeram-lhe o corpo, não por fanfarronice, como o fariam os selvagens do Canadá, mas para se identificarem com a coragem que tanto haviam admirado.

NOVA PUBLICAÇÃO LITTERARIA

Dos prelos da imprensa da Universidade acaba de sair ha pouco um livro não menos curioso que interessante, e igualmente agradável ás diversas classes de leitores. Seu titulo é: *Guia historico do viajante em Coimbra e arrabaldes*. Forma um bello e elegante volume em 16.^o max., pouco menos que equivalente ao chamado 8.^o francez, comprehendendo VI — 328 paginas, e realçado o primor da impressão com o adorno de cinco formosas estampas de gravura em madeira. A imprensa periodica do paiz apressou-se a festejar a appareição da obra, e a pagar o tributo de louvores, que de justiça se devem a tão util e consciencioso trabalho.

É auctor d'este livro o sr. Augusto Mendes Simões de Castro, talentoso e applicado mancebo, que hoje cursa com aproveitamento o segundo anno do curso juridico da Universidade. Dotado de natural pendor para os estudos historicos e archeologicos, fervoroso admirador das glórias da sua patria, começou de tenros annos as suas investigações, comprehendendo e concluindo com guapo successo uma obra, que não parece propria das verduras da mocidade. Os que lerem esta feliz estrêa devem certo maravilhar-se de que tão copioso cabedal de paciente leitura e bem dirigida erudição possam adquirir-se aos vinte annos!

O *Guia historico do viajante em Coimbra* (de que alguns capitulos ou excerptos haviam já sido impressos em jornaes litterarios de Lisboa e das provincias) veio preencher uma lacuna, em verdade para lastimar. Faltava a naturaes e forasteiros, que attraídos por diversos titulos áquella antiga séde e côrte da monarchia, que por tantos annos assumiu entre nós, e mantém ainda com decoroso esplendor, o principado das sciencias, memorando theatro de notaveis acontecimentos, e abundante em recordações de toda a especie, um livro em que encontrassem resumida a indicação do que por mais notavel se lhes offerece á vista no presente, a historia curiosa e

instructiva do passado, e as rasões de ser de tantos monumentos celebres.

Mal podiam satisfazer a esta necessidade, uns por antiquados, outros por deficientes e de difficil accesso os escriptos que na especie possuimos, taes como a *Conquista e antiguidades de Coimbra* por Antonio Coelho Gasco, inedito publicado em 1805; a *Historia breve de Coimbra*, impressa sob o pseudonymo de Bernardo de Brito Botelho em 1733; as *Bellezas de Coimbra*, pelo sr. dr. Antonio Moniz Barreto Corte-Real, de que só se publicou a primeira parte em 1831; e a *Coimbra gloriosa* do padre Joaquim da Silva Pereira, que ainda agora se conserva manuscripta em quatro tomos.

Aos estudiosos e litteratos de profissão tornava-se indispensavel, para haver e combinar noticias ácerca de Coimbra e das suas cousas, revolver e compulsar á luz da critica os vetustos e pesados volumes das chronicas do reino e das ordens monasticas, como começaram a fazer, não sem proveito, os srs. drs. Rodrigues de Gusmão e Ayres de Campos. O resultado dos trabalhos d'estes doutos e illustres investigadores, e de outros que os antecederam, ou lhes seguiram as pisadas, não passa comtudo de artigos soltos, e dispersos em alguns periodicos de Lisboa e Coimbra, que não é possivel ter á mão, ou consultar de prompto com a facilidade que se deseja.

Bom e attendivel serviço prestou pois com a sua obra o sr. Simões de Castro. Escripta com depurada critica, á vista de tudo o que já possuimos na especialidade, e cuja exactidão se tratou de verificar mediante observações ocularmente feitas nas proprias localidades, o *Guia historico do viajante* offerece em leitura seguida, amena e fluente, ainda aos que mais difficeis forem de contentar, uma descripção completa do que ha notavel e importante em Coimbra e seus arredores; e nas multiplicadas notas que illustram o texto a indicação das fontes que foram consultadas, e a que poderão recorrer igualmente os que pretenderem mais amplas explicações.

Finalmente, aos que de conformidade com o espirito do seculo, propendem em demasia para os calculos de balcão, ousamos assegurar que darão por bem empregados os 700 réis, custo da obra; que é em verdade preço mais—que diminuto, havendo em conta a grandeza do volume, a nitidez da impressão, e sobretudo as dispendiosas gravuras que lhe servem de adorno e realce.

Fazemos votos porque o acolhimento e accitação do publico, compensando do modo possivel as fadigas do joven escriptor, sejam efficaz incentivo para novos commettimentos, taes como devemos esperal-os do seu talento, e provada dedicação pelo trabalho util e convenientemente dirigido.

I. F. DA SILVA

Napoleão e Lord Byron, eram magros, palidos, soffrendo muito antes de chegar ao termo dos seus desejos. Tornaram-se nédios depois que atingiram a posição que ambicionavam.

Na frente de Lord Byron e de Napoleão estavam gravados os traços d'uma profunda sensibilidade, e portanto satyrica e desdenhosa.